

Cigarro Eletrônico - Tecnologia que vicia e mata

A ACT Promoção da Saúde e a Associação Médica Brasileira (AMB) lançam, em 7 de abril, Dia Mundial da Saúde, uma campanha em redes sociais sobre os dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs), categoria de produtos que incluem os cigarros eletrônicos e tabaco aquecido. Intitulada #VapeVicia, a campanha foi criada pela agência MTG e tem como conceito o potencial destrutivo da combinação de dois vícios: em tecnologia e em nicotina. A intenção é mostrar que as inovações empregadas nesses dispositivos eletrônicos são uma armadilha usada pela indústria do cigarro para conquistar novos fumantes.

Por conta da epidemia de coronavírus, pesquisadores estão chegando à conclusão que fumantes podem ser mais impactados pela Covid-19, porque há um comprometimento do funcionamento dos pulmões. Entre os pacientes chineses diagnosticados com pneumonia associada ao coronavírus, segundo estudo da Organização Mundial da Saúde, as chances de agravamento da doença foram 14 vezes maiores entre as pessoas com histórico de tabagismo em comparação com as que não fumavam. Fumantes também têm o risco maior de serem acometidos por infecções respiratórias por outros vírus e bactérias.

A indústria não se cansa de enganar

Os fabricantes de cigarros têm pressionado a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para liberar o comércio dos DEFs no Brasil, especialmente os cigarros eletrônicos e os produtos de tabaco aquecido, sob a alegação de que teriam risco reduzido, por não terem combustão, e serem destinados a adultos fumantes que não querem ou não conseguem parar de fumar. Entretanto, não há evidências conclusivas de pesquisas independentes, ou seja, sem conflito de interesse e que não sejam financiadas pelas empresas de tabaco, de que os DEFs reduzem realmente os danos à saúde. Na verdade, pesquisas revelam que substâncias altamente tóxicas estão presentes nos DEFs e que houve aumento no consumo entre jovens nos países em que eles podem ser comercializados.

“O discurso de que os dispositivos eletrônicos para fumar são um produto de menor risco é sedutor, mas é preciso lembrar que já foi usado antes pela indústria de tabaco de forma enganosa, quando lançaram os cigarros “light”. Os DEFs também viciam e causam doenças e mortes, por isso o alerta de nossa campanha. A novidade tecnológica atrai para a experimentação, mas depois aprisiona para o consumo, assim como outros produtos para fumar”, destaca Mônica Andreis, Diretora Executiva da ACT Promoção de Saúde.

Para a AMB, *“esses novos produtos encobrem, numa nuvem de vapor, sérios riscos às políticas de controle do tabaco, não só pela predisposição à renormalização do tabagismo, estímulo à iniciação e recaída pela falsa percepção de segurança, mas também um aumento sem precedentes de doenças tabaco relacionadas causadas pelo cigarro acrescidas da contribuição dessas novas tecnologias para fumar. Num cenário onde o SUS e a Saúde Suplementar lidam com o desafio de enfrentamento dos altos custos da pandemia do coronavírus seria uma insensatez a liberação desses produtos”,* destaca Alberto Araújo,

Presidente da Comissão de Combate ao Tabagismo da AMB.

A Política Nacional de Controle do Tabagismo, que existe desde o final da década de 1980, é considerada bem sucedida e um exemplo para outros países. O Brasil chegou a ser premiado em 2019 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) por ser o segundo país, depois da Turquia, a ter adotado integralmente todas as medidas previstas no relatório MPOWER, que são consideradas as melhores práticas para o controle do tabagismo.

Atualmente, a prevalência de fumo no país é de 9,3%, segundo pesquisa do Ministério da Saúde, o que representa uma redução de 40% no consumo de tabaco em 13 anos. Medidas como políticas de preços e impostos, restrição da publicidade, ambientes livres de fumo, entre outras, foram fundamentais para essa conquista, e é preciso continuar avançando.

Por isso, a ACT Promoção da Saúde, a AMB e outros representantes da sociedade civil defendem a manutenção integral da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 46/2009, da Anvisa, que proíbe a importação, comercialização e propaganda dos DEFs. *“Consideramos que é importante levar em consideração o impacto relacionado ao aumento de experimentação e iniciação ao consumo provocado pelos DEFs, para não haver retrocessos na política de controle do tabaco no Brasil”*, diz Mônica Andreis.

De olho nos jovens

No ano passado, vários casos de intoxicação e mortes foram registrados nos Estados Unidos entre pessoas que usavam dispositivos eletrônicos para fumar, especialmente jovens. O CDC (Centers for Disease Control and Prevention), a FDA (Food and Drug Administration) e departamentos de saúde locais e estaduais investigam a doença, chamada de Evali (de *"E-cigarette or Vaping product use-Associated Lung Injury"*). Em um desses casos, um jovem de 17 anos precisou fazer um transplante duplo de pulmão devido à doença. Até 18 de fevereiro, haviam sido registrados 2.807 casos, com 68 mortes.

A epidemia de consumo entre estudantes e a ocorrência de Evali deixaram claro que, com seus novos produtos, a indústria vem atingindo os jovens, e não as pessoas que já são fumantes, como alegam. Não é por acaso que muitos dispositivos têm um design apelativo para essa faixa etária, como formato de pen drive, e podem ser carregados em portas USB de computadores.

Design e funcionamento

Os cigarros eletrônicos usam uma bateria para aquecer um líquido, que geralmente contém nicotina e aditivos de sabor, e produzir um aerossol que é inalado pelo usuário. Esse tipo de DEF inclui uma ampla variedade de produtos, desde os que se parecem com cigarros ou canetas até os maiores, descritos como tanques.

Já os produtos de tabaco aquecido têm uma bateria que aquece um pequeno cigarro, bastão ou “pod” de tabaco a uma alta temperatura para produzir o aerossol, que também contém nicotina e outros produtos químicos, inalado pelo usuário.

Em razão do vapor liberado, os usuários desses dispositivos não se identificam como fumantes, mas como *vapers*.

Um dos DEFs mais conhecidos é o Juul, lançado em 2015. Ele tem a aparência de um pen drive e pode ser carregado na porta USB do computador, além de ter diversos sabores originais (manga, fruta, pepino, creme, menta, hortelã, fumo Virgínia e tabaco clássico). Outras empresas fabricam refis com mais opções de sabores, como morango, melão e café com leite. Refis de Juul com concentração de sal de nicotina, o que significa nicotina com ácido benzoico, contém o equivalente ao total de nicotina de um maço inteiro de cigarros.

Custos do tabagismo

No combate ao tabagismo, a Organização Mundial da Saúde, por meio das medidas previstas pela Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), vem limitando e regulando a indústria do tabaco e seus produtos, uma vez que há evidências mais que suficientes sobre os malefícios causados pelo fumo à saúde, ao meio ambiente, à economia e à sociedade como um todo.

No Brasil, um estudo do Instituto Nacional de Câncer verificou que o país gasta cerca de R\$ 57 bilhões ao ano com despesas médicas e de perda de produtividade relacionadas a doenças provocadas pelo fumo. A indústria do tabaco, por sua vez, paga apenas R\$ 13 bilhões ao ano em tributos. Isso significa que há um rombo de pelo menos R\$ 44 bilhões para o sistema de saúde brasileiro. Todos os dias, 428 pessoas morrem devido ao tabagismo no país.

Apostar em novas tecnologias e alegar que existem produtos com menos riscos é a saída da indústria do tabaco para tentar se manter no mercado e conquistar novos consumidores. Essa estratégia, no entanto, não é nova. As empresas já lançaram produtos denominados “light” e “suave”, que acabaram por ser proibidos porque não representavam menos riscos à saúde. Assim, vemos que apostar em novos produtos e usar estratégias de marketing para induzir uma percepção de redução de danos é puramente uma questão de sobrevivência no negócio.

As táticas usadas para promover os DEFs são muito parecidas, tanto no Brasil quanto em outros países. Algumas usam mensagens que afirmam, explícita ou implicitamente, que são alternativas mais seguras e menos tóxicas aos cigarros convencionais. Publicidade com modelos jovens e atraentes, patrocínio de festas e eventos, colocação de produtos à vista e uso de influenciadores de mídias sociais são técnicas surpreendentemente semelhantes às usadas anteriormente pela indústria de cigarros para seus produtos tradicionais.

Acesse o hotsite da campanha: vapemata.org.br